

## PERFIL DOS AGRICULTORES FAMILIARES DE FEIRAS AGROECOLÓGICAS DE RECIFE-PE

### *PROFILE OF FAMILY FARMERS AT AGROECOLOGICAL FAIRS IN RECIFE-PE*

**Autor:** Éder Lira de Souza Leão

**Filiação** Departamento de Ciências do Consumo – Universidade Federal Rural de Pernambuco

**E-mail** eder.leao@ufrpe.br

**Grupo de Trabalho (GT):** 05. Agricultura familiar e ruralidades

#### **Resumo**

O objetivo principal desse artigo foi analisar o perfil dos agricultores familiares de feiras agroecológicas de Recife, Pernambuco. Foram selecionadas seis feiras de um total de 46 mapeadas até 2019, que estivessem em diferentes regiões e perfis de consumidores para obter informações dos vários segmentos e tipos de feiras. Com as feiras selecionadas foi realizada uma pesquisa de campo para observação e aplicação de questionários sobre o perfil dos feirantes. Elaboramos um breve contexto histórico das feiras selecionadas pelo estudo e foi apresentado a caracterização das associações vinculadas a essas feiras e perfil socioeconômico dos feirantes, e depois a evolução e situação atual das feiras orgânicas e agroecológicas de Recife-PE. Por fim, buscamos discutir o que alcançamos com essa percepção do perfil desses agricultores e o que podemos apontar para pesquisas futuras e possíveis cenários das feiras, agricultores agroecológicos e consumidores.

**Palavras-chave:** Agricultor familiar; Agricultura familiar; Agroecologia; Feiras; Produtos agroecológicos.

#### **Abstract**

*The main objective of this article was to analyze the profile of family farmers at agroecological fairs in Recife, Pernambuco. Six fairs were selected from a total of 46 mapped until 2019, which were in different regions and consumer profiles to obtain information on the various segments and types of fairs. With the selected fairs, a field survey was carried out for observation and the application of questionnaires on the profile of the merchants. We prepared a brief historical context of the fairs selected by the study and presented the characterization of the associations linked to these fairs and the socioeconomic profile of the merchants, and then the evolution and current situation of the organic and agroecological fairs in Recife-PE. Finally, we seek to discuss what we have achieved with this perception of the profile of these farmers and what we can point out for future research and possible scenarios for fairs, agroecological farmers and consumers.*

**Keywords:** Family farmer; Family farming; Agroecology; Fairs; Agroecological products.

## **1 Introdução**

Desde os anos 1990<sup>1</sup>, Recife-PE, teve um aumento no número de feiras e consumo de alimentos orgânicos. As primeiras experiências ocorreram ainda no interior do estado, com poucas bancas, no mesmo de feiras livres, mas apoiado por organizações governamentais como Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá (Centro Sabiá), Serviço de Tecnologia Alternativas (SERTA), entre outros atores institucionais, diversas ruas, praças, parques,

---

<sup>1</sup> Esse período se refere ao surgimento da feira orgânica ou agroecológica de Recife mais antiga, criada em Outubro de 1997 no bairro das Graças, ainda que haja menção e registro de experiências anteriores a essa, mas ainda em locais temporários, como eventos e encontros institucionais e acadêmicos. Afora que alguns agricultores já haviam tentado comercializar antes, nas feiras livres dos seus próprios municípios ou vender para Ceasa, mas o sistema de preços e a forma de comercialização não davam muita autonomia e nem destaque ao seu trabalho diferenciado, desse modo buscaram outras vias, entre elas as feiras agroecológicas.

estacionamentos, órgãos públicos, condomínios, entre outros locais, passaram a ter feiras orgânicas ou agroecológicas.

Até 2019, eram 46<sup>2</sup>, apenas na capital, mas esse número já é maior, pois ainda podemos incluir a existência de feiras ou pontos de venda em espaços privados de shoppings, galerias, lojas e até condomínios. Afora os grupos de consumo, lojas que revendem ou plataformas online criadas alcançar o consumidor que não vai as feiras ou não vai com frequência.

Nessas feiras, são os próprios produtores familiares que se deslocam para a capital, articulam institucionalmente o poder público com apoio de movimentos e organizações sociais, comercializam o valor do trabalho e interagem com os consumidores, agricultores de outras associações e demais atores. Durante todo este caminho os produtores familiares agroecológicos desenvolvem relações que transcendem a mera transação comercial utilitária.

O objetivo principal desse artigo é apresentar e analisar o perfil dos agricultores familiares de feiras agroecológicas de Recife, capital de Pernambuco. E nesse processo compreender algumas das dinâmicas de comercialização, evolução e situação dessas feiras. Ou seja, analisamos seu perfil socioeconômico, organização, produção e comercialização, assim como buscamos compreender os vínculos e as proximidades dos agricultores com outros agricultores, consumidores e instituições. Depois cruzamos e comparamos os dados sobre a evolução e situação das feiras agroecológicas de Recife-PE.

Nas próximas seções delineamos sobre alguns pontos fundamentais desse artigo. A segunda seção apresenta aspectos teórico-metodológicos, como foi definido e realizado o levantamento das feiras estudadas. Em seguida, apresentamos as feiras agroecológicas estudadas e um breve contexto histórico das feiras selecionadas pelo estudo. Na quarta seção apresentamos a caracterização das associações vinculadas a essas feiras. Depois na quinta seção o perfil socioeconômico dos feirantes e depois a evolução e situação atual das feiras orgânicas e agroecológicas de Recife-PE. Por fim, buscamos discutir o que alcançamos com essa percepção do perfil desses agricultores e o que podemos apontar.

## 2 Aspectos teórico-metodológicos

### 2.1 Uma visão teórica

As feiras não apareceram recentemente; elas simbolizam os espaços tradicionais de trocas, de expressão das práticas econômicas pré-capitalistas. Há centenas de anos, as feiras servem de base para organização de sistemas de convívio social. No contexto atual essas feiras agroecológicas em Recife configuram metaforicamente um novo galho numa extensa e ramificada árvore de trocas mercantis. Desse modo, compreender sua atual configuração, história e particularidades nos possibilita compreender melhor o objeto de nosso estudo.

As feiras, no geral, numa primeira visão, podemos definir pelo viés econômico, aparecendo como um local atraente para realizar compra e venda de mercadorias, para acessar

---

<sup>2</sup> Esse número foi de um levantamento feito em pesquisa de campo e com bancos de dados, mas está em constante atualização, existem várias tentativas, uma realizada por membros CPOrg-PE (Comissão da Produção Orgânica – Pernambuco) e representante da Secretaria de Desenvolvimento Agrário, que inclusive esse registro supera o do aplicativo *feirasorganicas* do Idec (Instituto de Defesa do Consumidor). Esses levantamentos consideram feiras orgânicas mesmo aquelas com uma única barraca ou produtor. Porém, essa relação ainda não considera aquelas em condomínios residenciais ou realizadas por grupos que limitam a ocupação com uma ou duas bancas em locais estratégicos. Iremos considerar nesse estudo que feiras e espaços agroecológicos são todas aquelas assim reconhecidas pela observação das pessoas ou entidades, ainda que a lei estadual nº 16.320/2018 proponha considerar a partir de 2 barracas.



um consumo diferenciado e mais popular. Mas se nos aproximarmos mais deste objeto e observarmos as pessoas circulando, perceberemos que elas são figurações de várias cenas do nosso cotidiano: rua do bairro, festas, locais de passeio ou pontos de encontro de pessoas. E ainda que de tamanhos, tipos, produtos, finalidades, públicos e periodicidade diferentes, podemos encontrar nestas feiras pequenas representações daquele lugar em que as pessoas estão vivendo ou circulando (DA MATTA, 1997). Antes, e ainda agora, elas são os lugares em que as pessoas procuravam para (se) informar sobre o cotidiano, para tratar dos negócios, para marcar encontros e até falar de política.

Logo, as feiras são parte inerente de nossa história e de nossa socialização no espaço urbano. Se alinharmos aqui uma visão figuracional eliasiana, podemos propor que as feiras seriam aqueles pontos onde as conversas e os saberes se confundem e entrelaçam indivíduos e coisas. Podemos descrevê-las, brevemente, como espaços de comercialização organizados geralmente em circuitos curtos de trocas com poucos intermediários e por distâncias menores (CAPORAL; COSTABEBER, 2007). Geralmente, as feiras se localizam em espaços abertos (como ruas, calçadas e praças) ou cobertos (conjuntos de barracas e lojas dentro de galpões, armazéns, entre outros), mas, em comum, percebemos que reúnem vendedores e consumidores de diversas origens (ARAÚJO, LIMA E MACAMBIRA, 2015).

Melo (2012) e Minnaert (2008) descrevem as feiras como espaços territoriais que representam uma dinâmica formadora de determinados momentos da sociedade, tanto na perspectiva econômica, aquela da troca de mercadorias, como a das interações do dia a dia. Desse modo, os autores identificam nas feiras uma certa expressividade e diversidade cultural na medida em que as trocas não se direcionam apenas aos aspectos comerciais, incluindo aqueles não-comerciais referentes às sociabilidades primárias no espaço do bairro ou da comunidade (ELIAS; SCOTSON, 2000).

Essa dicotomia entre econômico e não-econômico é do maior interesse para nosso estudo sobre as feiras agroecológicas. O econômico e o não econômico não se anulam, permitindo pôr indivíduos em contato com o espaço onde realizam suas compras, mas igualmente organizando suas conversas, parcerias e trocando informações sobre a vida cotidiana. Esta é a base para a manifestação da nossa problemática, a saber, que o objeto feiras gera um ethos envolvendo produtores e consumidores e cidadãos diversos tanto na organização das práticas econômicas como outras relativas à vizinhança, à parceria, entre outras (ELIAS, 2006).

Dentre os tipos de feiras mais próximas do nosso objeto de estudo estão as chamadas feiras livres, que estão situadas em locais mais populares. Geralmente as encontramos em locais abertos e numa periodicidade semanal. Em algumas situações (MINNAERT, 2008), elas são observadas negativamente pelos usuários, pois as pessoas que as frequentam muitas vezes as associam com lugares de sujeira e pobreza. Nestes casos, o valor da confiança é afetado por uma visão negativa do modo como se organizam as mercadorias e os resíduos neste tipo de comércio.

Apesar dessas restrições, as pessoas as frequentam, o que indica haver elementos positivos que atraem e valorizam as feiras livres e os agricultores familiares como os fatores históricos (tradição) e de sociabilidade. Detalhando um pouco mais, podemos elencar a tradição (o ponto como referência de localização na cidade ou bairro; gerações que frequentavam antes), o simbólico (da história da feira e as relações ali construídas), o local de encontro, o espaço popular e de compras mais baratas, assim como proximidade do local de residência do cliente, além e principalmente o próprio contato direto com o produtor familiar rural, que lhes permitem também uma aproximação e conhecimento da origem e processos de produção dos alimentos ali vendidos.

## 2.2 Delineamento da pesquisa

Em Recife, que é lócus desse estudo, até 2019 havíamos identificados 46 feiras e espaços agroecológicos, sendo que 21 feiras haviam sido registradas no estudo de Araújo, Lima e Macambira (2015) que foi realizado em 2012. Mas como comentamos acima, esse número é bem maior atualmente. Embora, algumas deixaram de existir ou mudaram de lugar, mas muitas outras surgiram ou foram identificadas. Inclusive é possível que haja mais ou até outras tenham deixado de existir, contudo, não é fácil obter informações que não seja *in loco* e tenha constante acompanhamento.

Ainda na pesquisa de Araújo, Lima e Macambira (2015) foram entrevistadas 157 famílias distribuídas em cerca de 245 barracas de 21 feiras e que poderia haver um mesmo grupo ou família em mais de uma feira. No levantamento inicial que realizamos em 2018, o número de feiras identificadas era de pouco mais de 30, sendo que durante a evolução da pesquisa de campo e coleta de outros dados de levantamos feitos por instituições, fomos informados que o número era bem maior, desse modo, tínhamos um universo bastante dinâmico, o que demonstrava a importância da realização dessa pesquisa. E entre 2020 e 2022 tivemos o cenário da Pandemia do Covid-19 que afetou mais ainda a dinâmica dessas feiras, embora tenhamos observado que as feiras localizadas em instituições públicas tenham retornado a sua quase totalidade ou se deslocaram/expandiram para outros locais ou dinâmicas.

Logo, traçar um perfil de quem são os agricultores familiares dessas feiras e compreender essa dinâmica de comercialização, deslocamento, relações de consumo, parcerias, entre outros aspectos que a jornada de um feirante exigia, nos mostrou o desafio que seria realizar essa pesquisa.

A escolha das feiras para este estudo, retirando do universo que havíamos conseguido – de 46 feiras –, e que mudava na medida em que seguíamos a pesquisa, foi um grande desafio. Mas ao compilarmos alguns critérios, como: bairro de localização, tempo de duração, número de barracas, associações participantes, tipo de espaço de realização, entre outras particularidades. Notamos que poderíamos filtrar alguns tipos de feiras que nos serviriam de comparação, dada as especificidades, e que contemplariam parte de um perfil delas em Recife. A lista das feiras agroecológicas de Recife que utilizamos foi feita de um levantamento que compilou visitas *in loco* e verificação pelo site [feirasorganicas.org](http://feirasorganicas.org) ou de um banco de dados feito pela Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Estado de Pernambuco entre 2018/2019.

Com essas informações, optamos por escolher ao menos uma feira por Zona Urbana de Recife, depois que filtramos para Zona Sul, Zona Norte, Zona Oeste e Zona Leste, buscamos verificar os critérios de tempo. As localizadas nas duas primeiras zonas tinham as primeiras feiras agroecológicas do Recife e que tinham um grande número de barracas e famílias participando. Desse modo optamos por escolher uma em cada: Espaço Agroecológico das Graças (EAG) para Zona Norte e Espaço Agroecológico de Boa Viagem (EABV) para Zona Sul.

No caso das outras zonas, havia um perfil mais eclético, em termos de condições socioeconômicas dos bairros, assim como diferenças no tempo de existência delas, algumas com muitos anos ou até mais de uma década e outras com poucos meses. Além de que havia feiras em logradouros públicos e ruas, outras em instituições públicas. Optamos por escolher duas feiras nas Zonas Oeste e Leste, sendo uma num logradouro público e outra dentro de uma instituição pública, desde que tivessem 5 ou mais barracas.

Também buscamos incluir feiras que tivessem poucos anos, pois aquelas escolhidas para Zona Sul e Norte tinham no momento da pesquisa 19 e 22 anos respectivamente (em 2019).

Desse modo selecionamos na Zona Oeste o Espaço Agroecológico da Várzea (EAV) e Feira de Orgânicos na Ceasa (FOCeasa), a primeira tinha menos de 1 ano no momento da pesquisa e localiza-se numa praça central do bairro que a nomeia, a outra fica dentro do espaço da Central de Abastecimento e Logística de Pernambuco e tem mais de 10 anos, vinculada ao Governo do Estado. Na Zona Leste, escolhemos o Espaço Agroecológico de Santo Amaro (EASA), com menos de 3 anos e localizado numa praça, e também a Feira de Orgânicos da Prefeitura do Recife (FOPCR), com pouco mais de 3 anos e localizada dentro do hall de passagem da sede da prefeitura.

Todos esses critérios visam verificar os espaços que tenham informações que pudéssemos observar o ethos, além de que haja um número mínimo de barracas que possa atender um maior público e observássemos mais produtores familiares e consumidores. E por fim, a frequência também é importante, pois feiras que ocorrem quinzenalmente ou mensalmente podem ter maior dificuldade de criar uma fidelidade, o que é importante para o componente de confiança.

Considerando esses critérios e escolhas, abaixo (Quadro 1) visitamos as seguintes feiras durante o período de observação e aplicação dos instrumentos das entrevistas e coleta de dados primários:

**Quadro 1 – Ordem<sup>1</sup> de visita para aplicação dos instrumentos e período de realização**

| Feira                                      | Períodos                              |
|--------------------------------------------|---------------------------------------|
| Espaço Agroecológico das Graças (EAG)      | Novembro/2018; Fevereiro e Março/2019 |
| Espaço Agroecológico da Várzea (EAV)       | Dezembro/2018 a Janeiro/2019          |
| Feira de Orgânicos da Ceasa (FOCeasa)      | Janeiro e Fevereiro/2019              |
| Feira de Orgânicos da PCR (FOPCR)          | Fevereiro/2019                        |
| Espaço Agroecológico de Boa Viagem (EABV)  | Março e Abril/2019                    |
| Espaço Agroecológico de Santo Amaro (EASA) | Março/2019                            |

Fonte: Pesquisa de campo, 2018/2019.

<sup>1</sup> Retornamos mais de uma vez em algumas feiras para completar informações que ficaram pendentes ou que ocorreram dúvidas.

Na tabela 1 a seguir, temos a relação da quantidade de questionários e entrevistas aplicados por feira. Esses dados auxiliam compreender o alcance da obtenção de informações qualitativas para nosso estudo. Além disso também registramos o número de barracas, feirantes e mulheres observados num dia de feira. O número de feirantes inclui o número de mulheres e homens, mas destacamos o número de mulheres para mostrar a participação menor delas na comercialização, mas muitas estão na fase de cultivo e produção. Esse número varia, pois em outros momentos notamos que agricultores podem faltar, vir alguns a mais, ou seja, esse registro foi importante para percebermos a dimensão da organização de um dia de feira.

**Tabela 1 – Registro de questionários e entrevistas aplicados por feira. Registro de observação de presença de barracas, feirantes e mulheres. 2019.<sup>3</sup>**

| Feiras | Questionários aplicados | Barracas | Feirantes | Mulheres |
|--------|-------------------------|----------|-----------|----------|
| EAG    | 14                      | 22       | 27        | 10       |

<sup>3</sup> Observação: O número de barracas, feirantes e mulheres podem mudar conforme o dia/horário da feira e a observação do pesquisador. No nosso caso fizemos a contagem na última visita para aplicação de questionário ou entrevista.

|         |    |    |     |    |
|---------|----|----|-----|----|
| EABV    | 13 | 20 | 30  | 12 |
| EAV     | 6  | 6  | 13  | 5  |
| FOCeasa | 15 | 15 | 20  | 4  |
| EASA    | 2  | 7  | 9   | 5  |
| FOPCR   | 6  | 6  | 9   | 1  |
| Total   | 56 | 76 | 108 | 37 |

Fonte: Pesquisa de campo. 2018/2019.

Alguns entrevistados/famílias estão em mais de uma feira, como EAG e EASA ou EAG e EABV, por exemplo, logo não repetimos a entrevista, por já termos as informações dos dois ou mais locais. Também ocorreu de não aplicarmos os questionários com todos feirantes, por estes motivos: terem faltado no dia da aplicação, não desejarem ou não terem tempo para responder. Em alguns casos não aplicamos o questionário com alguns daqueles com quem realizamos a entrevista.

### 3 Perfil dos agricultores familiares das eiras agroecológicas de Recife-PE

Nesta seção iremos analisar o histórico e os elementos da constituição das feiras agroecológicas que compõem nosso estudo. Utilizaremos parte das entrevistas com coordenadores, ex-coordenadores e outras lideranças de cada feira, literatura científica que tenha essas feiras do Recife como objeto, bem como os dados e as respostas dos questionários aplicados com todos (46) os agricultores feirantes presentes no período de aplicação da pesquisa.

As feiras que iremos analisar são: Espaço Agroecológico das Graças, Espaço Agroecológico de Boa Viagem, Feira de Orgânicos da Ceasa, Feira de Orgânicos da PCR Espaço Agroecológico de Santo Amaro e Espaço Agroecológico da Várzea, localizadas em diferentes zonas geopolíticas de Recife.

Abordaremos as origens e os caminhos que possibilitaram a organização e consolidação de cada feira. Analisaremos o perfil dos agricultores e as associações aos quais são vinculados, bem como o local de feira que ocupam nos bairros e as características dos municípios de origem.

#### 3.1 Caracterização das associações nas feiras

Apresentamos até aqui aspectos da constituição de cada feira e depois traçamos um perfil dos municípios onde vivem e trabalham os feirantes. Nessa seção mostraremos a caracterização dos feirantes a partir de cada feira. Utilizamos os dados da pesquisa de campo aplicada com 61<sup>4</sup> feirantes distribuídos pelas seis feiras da amostra desse estudo.

Para facilitar dividimos na tabela 6 o número de membros por associação identificados em cada feira. Não entrevistamos os feirantes de todas as barracas existentes por feira. Em algumas, conseguimos aplicar com todos, mas em outras, o tempo para aplicar foi um fator limitador, pois foi preciso concluir as visitas de observação e aplicação de questionários, porque havia feiras no mesmo dia, e necessitamos ir várias vezes na mesma feira, para depois passar

<sup>4</sup> Em algumas tabelas colocamos os dados de 56 questionários aplicados e somamos com mais informações que obtivemos com agricultores que somente entrevistamos, mas que durante elas conseguimos informações que pudessem ser utilizadas nessas tabelas.



para a seguinte. Quando íamos a feira nas Graças não conseguíamos ir no mesmo dia para a feira da Várzea ou Boa Viagem, pois as distâncias e o tempo dificultariam operacionalizar uma pesquisa de campo efetiva. O número grande de feirantes EAG, EABV e FOCeasa, com aproximadamente 70% das barracas das seis feiras estudadas, foi outro fator que não permitiu que completássemos todos. Ainda houve casos de agricultores não presentes durante no momento da aplicação dos questionários.

Entrevistamos os agricultores que se dispuseram ou tinham mais informações para apresentar. O número de agricultores participando diretamente das feiras é bem maior, pois em muitas barracas, existem duplas (ou até mais membros da mesma família ou parcerias<sup>5</sup>), embora haja vários outros casos que atuam sozinhos nas barracas.

Devemos considerar também que existem muitos outros agricultores, da própria família ou vizinhos que trabalham produzindo, mas não vão as feiras. Por exemplo, vizinhos ou associados, que não tem um ponto de feira ou a produção é pequena, enviam pelos agricultores-feirantes o que produziram. Essa prática solidária é comum, desde que ambos tenham a declaração da mesma OCS, porque possibilita ter diversidade e quantidade, o que uma única família de agricultores não consegue atender. Além do que, em algumas dessas feiras, o ponto não pertence ao agricultor que está ali, e sim a associação que ele representa. Desse modo, podemos estimar que o número de famílias envolvidas nas feiras é muito maior do que visualizamos ao frequentá-las.

Agroflor, por exemplo, está presente em seis feiras de Recife – Graças, Boa Viagem, Santo Amaro, Encruzilhada, Setúbal e Várzea – que são formadas por cerca de 20 barracas. Se considerarmos uma média de dois agricultores presentes por barraca, teríamos entorno de 40 feirantes. Contudo, essa associação tem 92 sócios, dos quais 78 tem a declaração de OCS, o que lhes autoriza comercializar seus produtos em feiras urbanas. Esses outros agricultores são responsáveis por atender a diversidade e quantidade nas feiras.

**Tabela 2 – Número de feirantes por associação e feiras.**

| Feiras                                  | EAG     | EABV    | FOCeasa | FOPCR  | EASA    | EAV     | Total | %     |
|-----------------------------------------|---------|---------|---------|--------|---------|---------|-------|-------|
| Associação                              | Sábados | Sábados | Quartas | Sextas | Quartas | Sábados |       |       |
| Agroflor (Bom Jardim)                   | 4       | 6       |         |        | 3       | 2       | 15    | 24,59 |
| AMA Terra (Gravatá)                     | 5       | 2       |         |        |         |         | 7     | 11,48 |
| Cesam/Amarfitsa (Jaboatão)              |         |         |         |        | 1       |         | 1     | 1,64  |
| Amoras (Glória de Goitá)                |         |         |         |        |         | 2       | 2     | 3,28  |
| ASSIM (Lagoa de Itaenga)                |         | 2       |         |        | 2       |         | 4     | 6,56  |
| APRP (Glória de Goitá)                  |         |         | 2       | 5      |         |         | 7     | 11,48 |
| AABFCORM (Vitória)                      |         | 2       | 1       |        |         | 1       | 4     | 6,56  |
| AAPAM (Glória de Goitá)                 |         |         | 1       |        |         |         | 1     | 1,64  |
| APPRP (Pombos)                          |         |         | 2       |        |         |         | 2     | 3,28  |
| APRSM (Pombos)                          |         |         |         | 1      |         |         | 1     | 1,64  |
| Associação Santo Agostinho (Feira Nova) |         |         | 3       |        |         |         | 3     | 4,92  |

<sup>5</sup> Há agricultores que dividem com outros a mesma barraca, da mesma família ou não.



|                                                                                     |    |    |    |   |   |   |    |       |
|-------------------------------------------------------------------------------------|----|----|----|---|---|---|----|-------|
| Terra e Vida<br>(Igarassu/Abreu e<br>Lima/São Lourenço da<br>Mata/Lagoa de Itaenga) | 1  | 2  |    |   | 1 | 1 | 5  | 8,20  |
| Nova Visão (Amaraji)                                                                |    |    | 4  |   |   |   | 4  | 6,56  |
| Terra Viva (Chã<br>Grande)                                                          | 4  |    |    |   |   |   | 4  | 6,56  |
| Sem associação (Recife)                                                             |    |    | 1  |   |   |   | 1  | 1,64  |
| Total                                                                               | 14 | 14 | 14 | 6 | 7 | 6 | 61 | 100,0 |

Fonte: Elaboração própria, 2019

Existem 14 associações envolvidas nessas feiras e 47,5% desses feirantes são sócios de três delas, Agroflor, AMA Terra e APRP (Tabela 6). As duas primeiras, conforme descrevemos anteriormente, são de membros fundadores dos dois primeiros espaços agroecológicos. A última tem uma estratégia de atender vários pontos pela capital com uma ou duas barracas. Por isso aparecem com o maior número de barracas e feirantes. Em outras associações, o número de associados é pequeno, os membros são poucos para participarem de muitas feiras. Participar de uma feira requer planejamento das rotinas de trabalho, produção e comercialização. Para muitos agricultores é um grande custo de tempo, distância e volume de produção para atender as demandas dos consumidores e manter a frequência de quase 52 semanas por ano.

Nesse processo, as associações são importantes pela representação e articulação em promover ações que beneficiem seus membros para produzir, organizar, cooperar e comercializar. Dentre essas associações, há sete delas que formam junto com o Centro Sabiá a Rede Espaço Agroecológico de Recife, organização coletiva democrática criada junto com as duas primeiras feiras e agricultores participantes. A REAgroeco tem 25 anos e conta com cinco feiras, sendo 4 delas em Recife e uma loja, sua expansão veio a partir de 2015, quando as outras três feiras e loja surgiram, inclusive com a captação de recursos para desenvolver um projeto de fortalecimento dos espaços e redes agroecológicas. Também elaboraram estatutos que alinharam suas condutas com as discussões da agroecologia e gênero.

Outras associações já existiam ou também foram criadas num período mais recente, mas ainda não compõem uma rede. Encontramos um feirante, de Recife que não participa de associação, mas foi aceito para comercializar na FOCeasa por ter certificação de produtor orgânico. Nas outras feiras não seria aceito, pois a maioria delas tem como norma apenas considerar novos membros que façam parte de alguma associação. Aos sábados podemos encontra-los comercializando seus produtos paralelamente ao EAG, mas não fazem parte da feira. Os mesmos declaram não ter interesse de participar de uma associação.

### 3.2 Perfil socioeconômico dos feirantes nas feiras

Dos 61 entrevistados, cerca de 31% são mulheres (Tabela 2). O número de homens presentes nas feiras é maior, mas nas feiras como Ceasa, Graças e Boa Viagem, mais antigas, há uma discrepância maior. Nas feiras de Santo Amaro, a presença feminina é maior, tanto que a anterior e atual são mulheres. Na Várzea, entrevistamos duas mulheres, mas a proporção de mulheres e homens é paritária, conforme exigido pelo estatuto do EAV. Na Feira de Orgânicos da PCR, como em outras ligadas a APRP, os agricultores presentes são geralmente homens. Isso ocorre porque a associação tem esse perfil. As mulheres que empreendem e produzem são sócias de outra associação que é formada apenas por mulheres.

**Tabela 2 – Distribuição do número de feirantes entrevistados – total, mulheres, estado civil e com quem moram na mesma residência, por feira - 2019**

| Feiras           | Total (nº) | Mulheres | Casados | Compa<br>nheiro | Compa<br>nheiro e<br>filhos | Companheiro,<br>filhos e e/ou<br>familiares | Sozinho |
|------------------|------------|----------|---------|-----------------|-----------------------------|---------------------------------------------|---------|
| <b>EAV</b>       | 6          | 2        | 5       | 4               | 1                           | 1                                           | 0       |
| <b>EAG</b>       | 14         | 4        | 15      | 2               | 8                           | 0                                           | 2       |
| <b>EASA</b>      | 7          | 4        | 1       | 0               | 1                           | 0                                           | 1       |
| <b>EABV</b>      | 14         | 4        | 13      | 6               | 4                           | 3                                           | 0       |
| <b>FOCeasa</b>   | 14         | 4        | 11      | 6               | 4                           | 4                                           | 0       |
| <b>FOPCR</b>     | 6          | 1        | 5       | 0               | 5                           | 1                                           | 0       |
| <b>Abs. (nº)</b> | 61         | 19       | 50      | 18              | 23                          | 9                                           | 3       |
| <b>Rel. (%)</b>  | 100        | 31,15    | 81,97   | 29,51           | 37,70                       | 14,75                                       | 4,92    |

Fonte: Pesquisa campo. Elaborado pelo autor.

Ainda podemos observar nessa Tabela 7 que o número de casados é de mais de 82%. São poucos os casos de viúvos/as e solteiros. O que demonstra que os núcleos familiares parecem bem representativos. Do total de entrevistados, 29,5% moram só com o/a companheiro/a, maioria tem de 45 a 80 anos, o que identifica que muitos casais já têm filhos e netos morando em suas próprias residências. Cerca de 37,7% moram com companheiros/as e filhos (a maioria entre 24 e 45 anos) e 14,8% com companheiros/as, filhos e/ou outros parentes (pouco mais da maioria estão entre 20 e 45 anos). Apenas cerca de 5% (entre 55 e 61 anos) moram sozinhos.

O associativismo é um aspecto inerente a formação e fortalecimento das atividades dos agricultores. Duas características do associativismo, a reciprocidade e coletividade do trabalho são fundamentais nessas famílias rurais. Também as relações de proximidade e vizinhança com outras famílias rurais fortalece a construção de vínculos para desenvolver o trabalho de produção agroecológica.

Todos os membros de uma unidade familiar são importantes para o desenvolvimento da produção familiar de base ecológica. No entanto, nem todos participam da feira diretamente. Os homens tiveram esse papel de ir para fora de casa e negociar com os fregueses os preços e apresentar os produtos, num primeiro momento, porque a eles se figurava esse tipo de papel numa sociedade patriarcalista. Um dos vários casos é de um agricultor da ASSIM, que iniciou na produção de orgânicos por causa da iniciativa da esposa, que havia assistido formações do Seta e propôs a ele que deixasse o trabalho na usina. Os dois produzem juntos, mas ele ficou com a função de ir à feira por ser mais habilidoso nas contas e troco. Notamos que ele já estava acostumado a “estar fora” para trabalhar, como fazia na usina, e a esposa a na propriedade.

As mulheres estão presentes na produção, seja dentro de casa ou no entorno (quintal) ou diretamente no roçado. Esse tipo de tradição patriarcal nos núcleos familiares delegou as mulheres um papel de invisibilidade, por ficarem mais “dentro de casa”.

Dos entrevistados, buscamos aqueles de referência na barraca, a disposição para responder e, também, por ter a maior parte das informações. Necessariamente não decidimos quem ia participar da entrevista, até porque os outros membros indicavam quem poderia responder melhor o solicitado. A maioria foi de homens conforme a tabela 8 apresenta.



Desde as primeiras feiras, ainda que minoria, a presença das mulheres na liderança das feiras é destacada, várias mulheres foram e estão coordenando as associações e/ou feiras que participam. Existe desde os primeiros anos uma busca por promover mais representação feminina na comercialização. O caso da Várzea, que buscou construir uma paridade, é uma consolidação dessa percepção e ações. Em Santo Amaro foi composta por maioria feminina. Esse debate sobre igualdade de gênero é incentivado na maioria das associações e por meio de ações de ONGs Universidades e políticas públicas nos municípios e associações. As mulheres rurais têm também ganhado mais protagonismo porque a agroecologia propõe um desenvolvimento baseado na diversidade ecológica e ascensão daqueles grupos excluídos ou submetidos as transformações da modernização agrícola, como os camponeses, indígenas e quilombolas (ALTIERI, 2004; SILIPRANDI, 2015).

A questão geração é outro ponto que buscamos compreender nas feiras porque a sucessão é importante para continuidade dessas feiras e a produção agroecológica. Nas feiras das Graças e Boa Viagem, muitos agricultores começaram jovens, com pouco mais de 20 ou 30 anos, e estariam atualmente com 40 ou 50. E há aqueles que “pararam” e/ou passaram o ponto, para um familiar ou outro agricultor, por causa do cansaço da atividade (outros infelizmente faleceram).

Na tabela 3 temos as faixas etárias dos agricultores por feira. A variação das idades vai de 20 a 80 anos. Percebemos que a faixa com mais agricultores é a de 52 a 59 anos, com cerca de 29%. Se somarmos com a faixa de 60 a 65, o percentual de agricultores com entre 52 e 65 é de 41,5%. No início da pesquisa tínhamos como hipótese que a maioria dos agricultores tinha mais de 40 anos. Contudo nessa amostra confirmamos ela, mas também descobrimos que há uma possível renovação, pois cerca 35,9% tem entre 20 e 40 anos. Nas visitas as feiras percebemos muitos jovens, filhos e netos, acompanhando seus pais e avós na comercialização.

**Tabela 3 – Distribuição do número de feirantes, por faixas etárias, média de idade, por feira – 2019**

| Feiras    | 20-30 | 31-40 | 42-48 | 52-59 | 60-65 | 69-80 | Média |
|-----------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| EAV       | 2     | 1     | 1     | 1     | 1     | 0     | 40,0  |
| EAG       | 2     | 3     | 1     | 2     | 2     | 2     | 48,6  |
| EASA      |       |       | 1     | 1     |       |       | 51,5  |
| EABV      | 2     | 2     | 4     | 2     | 3     |       | 47,5  |
| FOCeasa   | 1     | 1     | 1     | 8     | 1     | 2     | 54,4  |
| FOPCR     | -     | 5     | -     | 1     | -     | -     | 38,5  |
| Abs. (nº) | 7     | 12    | 8     | 15    | 7     | 4     | 47,8  |
| Rel. (%)  | 13,2  | 22,6  | 15,1  | 28,3  | 13,2  | 7,55  | -     |

Fonte: Pesquisa de campo. Elaboração do autor.

Ainda não podemos afirmar que daqui a 10 anos veremos todos esses jovens. Embora haja diversas ações promovidas por Centro Sabiá, Agroflor e outras instituições como o projeto dos Jovens Multiplicadores. Mas ao mesmo tempo que observamos essas ações, também percebemos que a zona urbana é mais próxima para eles, e existem mais oportunidades que o campo. Além de que com os avanços de políticas educacionais federal e estaduais em gestões passadas para ampliar o acesso as universidades e instituições técnicas, muitos desses jovens

aproveitaram esse cenário para poder alcançar uma formação escolar ou universitária que muitos dos pais não puderam ter. Vários filhos de agricultores fizeram cursos técnicos agrícolas ou em agroecologia, cursaram ou cursam graduações nas universidades públicas e particulares.

As feiras na Várzea e PCR tem as menores médias de idade, respectivamente 40 e 38,5 anos. A primeira teve o objetivo de colocar jovens casais e que não haviam participado de outras feiras para compor a feira. No caso da PCR, todos os cinco membros da APRP estão na mesma faixa, de 31 a 40 anos. A feira das Graças e Boa Viagem tem médias altas, acima de 47 anos, e com poucos feirantes abaixo dos 30, embora possamos observar algumas barracas com jovens presentes trabalhando na comercialização também.

O conhecimento foi uma palavra bastante repetida nas entrevistas. Num primeiro momento não notamos que ela tinha um forte significado. Depois, em conversas com alguns agricultores, durante as visitas pós-entrevistas, percebemos que a palavra tinha um peso para explicar as mudanças geradas com o trabalho na agroecologia, tanto no manejo como nas feiras ao comercializarem. Mudar para eles foi importante porque é parte de um processo de aprendizagem e que trouxe vários benefícios para eles e suas famílias, como um trabalho valorizado e aumento de renda. Para esse ponto, na tabela 4, apresentamos as informações do nível educacional formal que alcançaram.

**Tabela 4 – Distribuição do número de feirantes, por nível escolaridade e feira – 2019.**

| Feiras                    | EAV | EAG | EASA | EABV | FO<br>Ceasa | FO<br>PCR | Abs.<br>(nº) | Rel.<br>(%) |
|---------------------------|-----|-----|------|------|-------------|-----------|--------------|-------------|
| Escolaridade              |     |     |      |      |             |           |              |             |
| Analfabeta/Não frequentou | 0   | 1   | 0    | 1    | 0           | 0         | 2            | 3,8         |
| Alfabetização/Primário    | 0   | 0   | 0    | 0    | 2           | 0         | 2            | 3,8         |
| Fundamental I incompleto  | 1   | 3   | 1    | 3    | 1           | 1         | 10           | 18,9        |
| Fundamental I completo    | 0   | 4   | 1    | 1    | 2           | 2         | 10           | 18,9        |
| Fundamental II completo   | 2   | 2   | 0    | 0    | 0           | 1         | 5            | 9,4         |
| Fundamental II incompleto | 0   | 1   | 0    | 1    | 2           | 1         | 5            | 9,4         |
| Médio completo            | 1   | 1   | 0    | 4    | 3           | 1         | 10           | 18,9        |
| Técnico incompleto        | 0   | 0   | 0    | 0    | 1           | 0         | 1            | 1,9         |
| Técnico completo          | 1   | 0   | 0    | 3    | 1           | 0         | 5            | 9,4         |
| Superior Incompleto       | 1   | 0   | 0    | 0    | 1           | 0         | 2            | 3,8         |
| Superior Completo         | 0   | 0   | 0    | 0    | 1           | 0         | 1            | 1,9         |

Fonte: Pesquisa de campo. Elaboração do autor. 2019.

A maioria, 60,4%, frequentou até o ensino fundamental. Nesse perfil, estão feirantes na faixa de 44 a 80 anos, ou 37,7% do total. Os que concluírem o Ensino Médio e frequentaram o Ensino Técnico e Graduação representam 35,7% dos agricultores, a maioria entre 20 e 40 anos, ou seja, 20,7% do total de feirantes.

Os mais antigos não tiveram tanto acesso a oportunidades e incentivos para concluírem os estudos do fundamental ou alcançarem o médio. O trabalho na agricultura esteve na presença deles desde a infância. Os feirantes mais recentes já tiveram mais oportunidades, pela obrigação da frequência escola, contrapartida da participação em programas de transferência de renda como o Bolsa Família. Por terem tido muitas políticas de inclusão nas instituições de ensino superior, e claro, por buscaram incentivar os filhos e netos nas oportunidades de avançarem mais nos estudos. Uma agricultora do EABV, de Bom Jardim, nos relatou que pagou as faculdades dos dois filhos com o dinheiro que ganha vendendo na feira. Outro agricultor do EABV, de Lagoa de Itaenga, teve as três filhas cursando o técnico agrícola no IFPE-Campus Vitória. Uma delas ainda cursou e depois trancou a graduação de enfermagem; as outras duas

concluíram sua graduação em cursos na área agrícola, sendo que uma delas cursa atualmente mestrado na Universidade São Paulo (USP).

A renda é um fator determinante para que muitos agricultores, especialmente o que eles apuram na comercialização de um dia de feira. Mas não é a sua única forma de obter renda. Muitas famílias são pluriativas e tem mais de uma fonte para composição de suas rendas. O apurado líquido da semana de cada feira, aposentadorias, Bolsa Família e trabalhos não-agrícolas. Para que pudéssemos ter como referência, na Tabela 5, apresentamos os questionamentos em qual faixa de renda, medida por salários mínimos de 2019, a ele e a família estariam. Orientamos que eles considerassem o faturamento líquido mensal de todas as feiras que participam e as demais formas de obter renda entre todos moradores da mesma residência. Numa mesma barraca poderiam ter agricultores que morassem em residências diferentes, portanto, suas respostas deveriam considerar essa separação. As respostas foram declaratórias do que eles conseguiram expressar como seria sua renda familiar mensal.

**Tabela 5 – Distribuição do número de feirantes, por faixas de renda declarada (R\$ em Salários Mínimos), por feira – 2019.**

| Feiras           | até 1<br>(R\$ 998,00) | 1 e 2<br>(R\$ 998,01<br>até R\$ 1.996,00) | 2 e 3<br>(R\$ 1.996,01<br>até R\$ 2.994,00) | 3 e 5<br>(R\$ 1.996,01 e<br>R\$ 4.990,00) | 5 ou mais<br>(R\$ 4.990,01) | Não<br>respondeu |
|------------------|-----------------------|-------------------------------------------|---------------------------------------------|-------------------------------------------|-----------------------------|------------------|
| <b>EAV</b>       | 1                     | 2                                         | 1                                           | 1                                         | 1                           | 0                |
| <b>EAG</b>       | 2                     | 12                                        | 0                                           | 0                                         | 0                           | 0                |
| <b>EASA</b>      | 0                     | 4                                         | 0                                           | 0                                         | 0                           | 0                |
| <b>EABV</b>      | 2                     | 8                                         | 1                                           | 2                                         | 0                           | 0                |
| <b>FOCeasa</b>   | 5                     | 4                                         | 2                                           | 1                                         | 1                           | 1                |
| <b>FOPCR</b>     | 2                     | 3                                         | 1                                           | 0                                         | 0                           | 0                |
| <b>Abs. (nº)</b> | 12                    | 33                                        | 5                                           | 4                                         | 2                           | 1                |
| <b>Rel. (%)</b>  | 21,1                  | 57,9                                      | 8,8                                         | 7,0                                       | 3,5                         | 1,8              |

Fonte: Pesquisa de campo. Elaboração do autor. 2019.

A maioria das famílias agricultoras, cerca de 58%, ganham entre 1 e 2 salários mínimos. Esse resultado é importante para demonstrar que comercializar produtos orgânicos lhes garante uma renda muito significativa, acima do que por vezes é possível ganhar num emprego rural formal, como corte de cana ou pecuária de corte, que não paga mais do que um salário mínimo. Essas atividades, quando empregam possuem bastante volatilidade e riscos à saúde.

Um número significativo de agricultores identificou que vivem com rendas de até um salário mínimo. Observando outros dados como faturamento médio mensal das feiras que participam, aposentadoria e Bolsa Família, aproximadamente metade poderia estar classificado na segunda faixa, com mais de um salário e menos de dois. Mas como a resposta foi espontânea, decidimos manter. Principalmente porque precisamos considerar que é uma atividade de vários custos. O custo de transporte (alugado ou combustível) pode variar de 300 a 600 reais mensais. Além de custos que podem ter com diaristas, estume ou adubos, entre outros, que baixam os apurados líquidos, principalmente por ser uma atividade de produção e faturamento volátil e custos não praticamente fixos. Há meses que conseguem trazer pouca mercadoria e outros meses que têm poucos clientes. E ainda precisamos considerar que parte dos produtos podem ser de outros produtores que enviaram por eles.

Uma parcela – 21,1% – importante de famílias de agricultores conseguem alcançar rendas com mais de dois salários mínimos, alguns até acima de cinco. A variedade do produto comercializado pode ser um indicador dessa maior renda. A maioria comercializa além de hortaliças e legumes, raízes (cará, inhame, macaxeira e batata-doce) e frutas, que como tem preços mais altos, em relação aos vegetais folhosos e leguminosos, podem gerar maior faturamento. Além de que, as perdas são menores, pois podem ser guardadas de uma feira para outra.

A situação do uso de transporte para levarem suas mercadorias em galeias e as barracas para montarem nos locais de feira sempre será um ponto de destaque nas discussões sobre os agricultores familiares que comercializam em feiras de orgânicos. A logística, como já tratamos em outros momentos desse estudo, é um processo bastante cansativo, mas também tem um peso nos gastos de cada produtor. Na tabela 6 apresentamos a condição de uso de transporte por esses agricultores.

**Tabela 6 – Distribuição do número de feirantes por condição de transporte e feira – 2019.**

| Feiras    | Próprio | Alugado / Fretado | Projeto Convênio / | Apoio Prefeitura | Outros |
|-----------|---------|-------------------|--------------------|------------------|--------|
| EAV       | 3       | 2                 | 1                  | 0                | 0      |
| EAG       | 6       | 8                 | 0                  | 0                | 0      |
| EASA      | 3       | 1                 | 0                  | 0                | 0      |
| EABV      | 10      | 1                 | 2                  | 0                | 0      |
| FOCeasa   | 6       | 4                 | 1                  | 3                | 0      |
| FOPCR     | 5       | 0                 | 0                  | 0                | 1      |
| Abs. (nº) | 16      | 33                | 4                  | 3                | 1      |
| Rel. (%)  | 28,1    | 57,9              | 7,0                | 5,3              | 1,8    |

Fonte: Pesquisa de campo. Elaboração do autor. 2019.

A maioria, cerca de 57% tem carro próprio. O número é bastante significativo, pois demonstra um grande avanço na organização desses trabalhadores rurais na busca por autonomia e melhoria na forma de transportar as mercadorias. Muitos que alugam, estão vindo de carona com outro agricultor, dividem os custos do combustível ou o carona paga um valor fixo, como se fosse um frete. Os valores desses fretes na maioria dos casos – cerca de 1/5 dos entrevistados – variam de 50 a 150 reais semanais. Alguns chegam a pagar algo entorno de 150 e 190 reais. Dos que possuem veículo próprio, o custo da viagem pode diminuir um pouco comparado ao aluguel ou frete. Porque geralmente estão alugando para algum outro agricultor.

Uma das características principais dos agricultores familiares são as pequenas extensões das suas propriedades. Alguns possuem poucas contas ou apenas um quintal para poder produzir. As áreas podem passar dos dez hectares. Ou sequer alguns nem possuem terras para plantio e necessitam de espaço na terra de outros, ou trabalham como diarista para conseguir a renda necessária para viver. Na Tabela 7 apresentamos a condição de posse das propriedades em que trabalham os agricultores familiares, semanalmente.

**Tabela 7 – Distribuição do número de feirantes por situação da propriedade e feiras - 2019**

| Feiras | Própria | Arrendada / alugada | Cedida / Família | Outros |
|--------|---------|---------------------|------------------|--------|
| EAV    | 6       |                     |                  |        |
| EAG    | 8       | 1                   | 2                | 3      |



|                  |       |      |       |       |
|------------------|-------|------|-------|-------|
| <b>EASA</b>      | 3     |      | 1     |       |
| <b>EABV</b>      | 10    | 1    | 1     | 2     |
| <b>FOCeasa</b>   | 10    |      | 1     | 3     |
| <b>FOPCR</b>     | 3     | 1    | 1     | 1     |
| <b>Abs. (nº)</b> | 40    | 3    | 6     | 9     |
| <b>Rel. (%)</b>  | 70,18 | 5,26 | 10,53 | 15,79 |

Fonte: Pesquisa de campo. Elaboração do autor. 2019

Aproximadamente 40 (70%) agricultores declararam serem proprietários das terras que cultivam. A maior proporção é de agricultores das feiras da Ceasa, Graças e Boa Viagem. O resultado é plausível considerando que são as feiras com maior número de produtores. Também uma parte significativa de agricultores oriundos de assentamentos afirmaram viverem em assentamentos, especialmente dos municípios de Gravatá e Pombos.

Alguns informaram que arrendam propriedades para conseguir produzir. Geralmente as áreas de produção de orgânicos desses casos são de 1 hectare em média. Alugam de vizinhos próximos ou até mesmo de parentes. Outros casos são de propriedades cedidas por familiares, sem cobrar nenhum valor, ou também, compartilhadas por membros de uma mesma família, que herdaram, mas não realizaram a partilha ou inventário necessário.

A tabela 8 retrata o tamanho das propriedades dos agricultores familiares. Para comparação e compreensão, solicitamos informações da área total e área usada para produzir orgânicos das propriedades que sejam apenas de uso do agricultor entrevistado. O número de propriedades e áreas de cultivo aumentam se considerarmos os agricultores-fornecedores.

**Tabela 8 – Distribuição do número de feirantes por tamanho de área total e área de produção de orgânicos (em hectares), por feira.**

| <b>Áreas</b>     | <b>Total</b>           |                         |                         | <b>Orgânicos</b>        |                        |                        |
|------------------|------------------------|-------------------------|-------------------------|-------------------------|------------------------|------------------------|
|                  | <b>1 a -5<br/>(ha)</b> | <b>5 a -10<br/>(ha)</b> | <b>10 ou +<br/>(ha)</b> | <b>-1 a -3<br/>(ha)</b> | <b>3 a -5<br/>(ha)</b> | <b>5 ou +<br/>(ha)</b> |
| <b>Feiras</b>    |                        |                         |                         |                         |                        |                        |
| <b>EAV</b>       | 2                      | 2                       | 2                       | 4                       | 2                      | 2                      |
| <b>EAG</b>       | 12                     | 2                       | 0                       | 14                      | 2                      | 0                      |
| <b>EASA</b>      | 4                      | 0                       | 0                       | 4                       | 0                      | 0                      |
| <b>EABV</b>      | 7                      | 6                       | 0                       | 12                      | 4                      | 1                      |
| <b>FOCeasa</b>   | 5                      | 5                       | 4                       | 13                      | 4                      | 1                      |
| <b>FOPCR</b>     | 5                      | 0                       | 1                       | 6                       | 0                      | 0                      |
| <b>Abs. (nº)</b> | 35                     | 15                      | 7                       | 41                      | 12                     | 4                      |
| <b>Rel. (%)</b>  | 61,4%                  | 26,3%                   | 12,3%                   | 71,9%                   | 21,1%                  | 7,0%                   |

Fonte: Pesquisa de campo. Elaboração do autor.

A maioria das propriedades – de 35 famílias – não passa dos 5 hectares. Mas nem sempre utilizam a área total, o manejo de áreas maiores exige mais tempo e mais pessoas trabalhando. Também há propriedades que não têm condições de solo e relevo que possam ser usadas para determinados tipos de cultivo. Afora a necessidade maior de água, que em algumas áreas são bem escassas em determinados períodos do ano.

A maioria das áreas com manejo orgânico, cerca de 72%, não passa de 3 hectares, o que aponta que o esforço e tempo para cultivar orgânicos exige mais do trabalhador rural, por ser um tipo de manejo que necessita de mais cuidado. As demais propriedades que possuem mais de 3 ou mais 5 hectares geralmente possuem produção de frutas e raízes, que exigem maiores áreas.

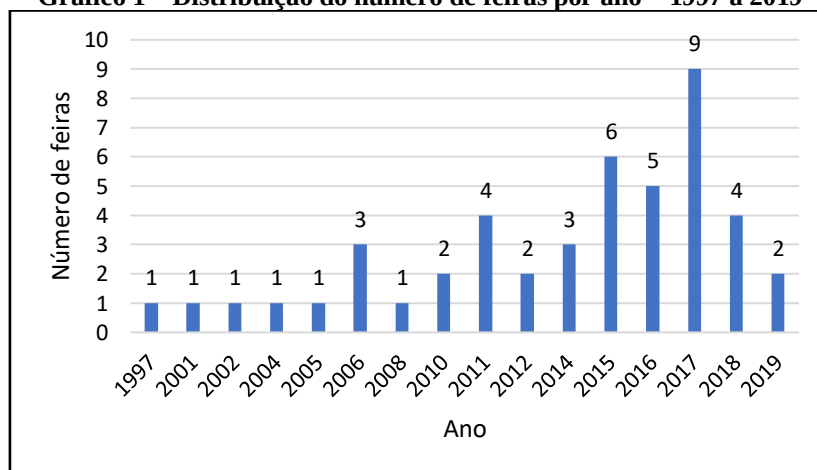
### 3.3 Evolução e situação atual das feiras orgânicas e agroecológicas de Recife-PE

Analizamos nessa seção algumas informações que extraímos de um levantamento preliminar (em andamento) do número e características das feiras de Recife. Atualmente contabilizamos 46<sup>6</sup> feiras, mas sabemos que esse número é bem maior, assim como o número de barracas, feirantes e associações. Como não tínhamos como visitar todos os endereços indicados e disponíveis nas várias listas e informações de sites como Idec/Feiras Agroecológicas<sup>7</sup>, sites institucionais e matérias jornalísticas. Uma parcela significativa dessas feiras, cerca de metade, conhecíamos de experiências anteriores. Mas nos últimos 6 surgiu mais do que o dobro. Algumas não existem mais ou não conseguimos mais informações.

Para confirmar as informações da lista das 46 feiras buscamos os próprios agricultores nas entrevistas, pois uma proporção deles participa de outras feiras e/ou conhecem vizinhos e parentes que estão comercializando nelas. Outra forma de checagem foram textos de jornais que destacam notícias atuais de algumas feiras. Por fim, apresentamos a lista para membros de organizações sociais que assessoram algumas das associações e feiras que compõem esse estudo. Algumas informações que conseguimos foram o mais aproximado possível, como ano de criação ou número de barracas. Conseguir essas informações, bem como do perfil e número de agricultores-feirantes, agricultores-fornecedores, consumidores e o volume de comercialização é um processo difícil, por isso precisávamos nos focar com as informações básicas e que pudessem ser observadas visualmente in loco ou por material audiovisual.

A evolução da criação de feiras em Recife está registrada no gráfico 1 abaixo. Ele retrata o ritmo de crescimento do número de feiras e que continua em expansão. Pois nos primeiros meses de 2019 identificamos mais duas feiras criadas. Também tomamos informações de outras feiras em locais privados, algumas em condomínios residenciais e que parecem ser um fenômeno recente. Mas decidimos não incluir na lista por não ter mais informações.

**Gráfico 1 – Distribuição do número de feiras por ano – 1997 a 2019**



Fonte: Elaboração própria. Com base nos dados do Quadro 8.

<sup>6</sup> Uma fonte importante dessa base foi o assessor da Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Governo de Pernambuco, Mailson Rodrigues. Que também assessorou por muitos anos a Agroflor. E em sua função atual tem buscado atualizar uma lista de todas feiras de orgânicos, agroecológicas e da agricultura familiar de Pernambuco.

<sup>7</sup> [www.feirasagroecologicas.org.br](http://www.feirasagroecologicas.org.br)



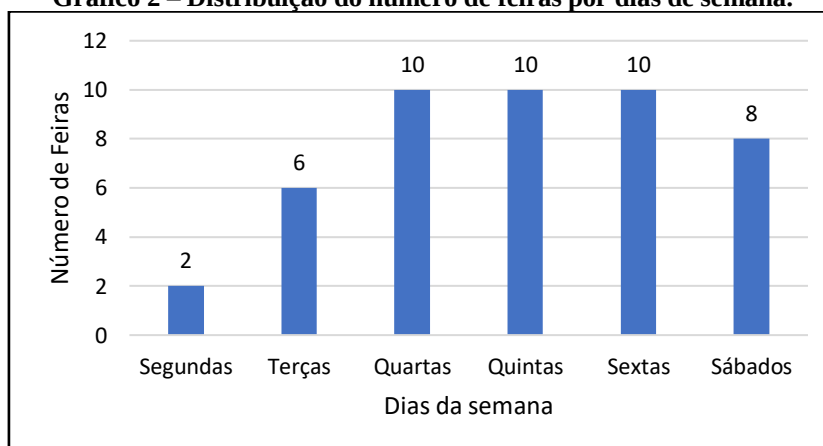
De 1997 até 2005 haviam sido criadas cinco feiras em Recife. O ritmo foi por uma parte é lento, porque a proposta de um local de comercialização de produtos orgânicos era novo e ainda concentrado a bairros e localidades de maior nível de renda. Todas eram realizadas em ruas e praças. Em 2006 há um primeiro salto, três feiras são criadas em locais diferentes daquilo que se convencionou até o momento, na UFPE e em dois espaços do Governo Estadual ligados atividade agrícola. O Parque de Exposições do Cordeiro e o Instituto Agrônômico de Pernambuco. Os bairros da Várzea, Cordeiro e San Martin são de contextos mistos do perfil populacional. Todas essas feiras funcionam dentro ou próximo dessas instituições públicas. Esse fato demonstrou que as feiras poderiam ir para quaisquer pontos e localidades.

Na gestão do Governo Federal havia mais políticas, recursos e incentivos para agricultura familiar. Em 2008 seguindo essa tendência, o Governo de Pernambuco criou a Feira de Orgânicos da Ceasa, como parte de sua política para incentivar a produção de orgânicos na agricultura familiar.

O ritmo acelerou a partir de 2011 e as feiras que eram parte do cotidiano de vários bairros, passaram a integrar a agenda de muitas comissões e núcleos de sustentabilidade de instituições públicas, que se interessaram em criar feiras no seu local de trabalho, como forma de estimular o consumo responsável e saudável entre servidores e funcionários. Entre 2015 a 2017 o número de feiras criadas foi de 20, aproximadamente metade das feiras atuais. E mais continuam sendo implementadas por outros bairros de Recife. O que demonstra que existe uma grande demanda por isso tipo de produto.

O gráfico 2 apresentar a quantidade de feiras por dia da semana. No início as feiras se concentravam mais entre quartas e sábados. Atualmente temos feiras também às segundas e terças. No caso desses últimos, todos são em repartições públicas. Existem feiras também aos domingos, mas essas de produtos naturais, artesanais e orgânicos, geralmente de produtores que não estão organizados em associações. Mas o fato mostra que há demanda e possibilidade de outros dias para comercializar.

**Gráfico 2 – Distribuição do número de feiras por dias de semana.**



Fonte Pesquisa de campo. Elaboração própria. Com base nos dados do Quadro 8.

Todas as feiras que ocorrem aos sábados são realizadas em ruas e praças. Por ser um período que o consumidor tem maior disponibilidade para sair de casa e ir a uma feira, sem se preocupar com o horário de trabalho ou outros compromissos.

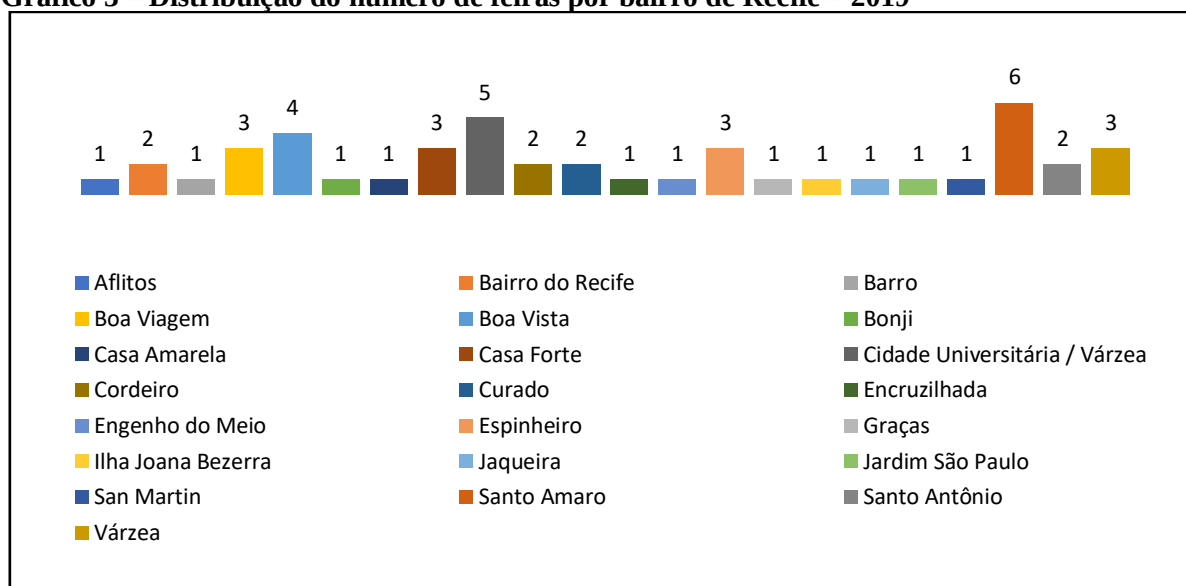
No gráfico 3 apresentamos os resultados desse número de feiras por bairro. A maioria dos bairros (11) tem apenas uma feira. Outros bairros concentram 2 a 6 feiras.



61º Congresso da  
**SOBER**  
Sociedade Brasileira de Economia,  
Administração e Sociologia Rural

**AGROPECUÁRIA  
DO FUTURO**  
Tecnologia, Sustentabilidade e  
a Segurança Alimentar

**Gráfico 3 – Distribuição do número de feiras por bairro de Recife – 2019**



Fonte Pesquisa de campo. Elaboração própria. Com base nos dados do Quadro 8.

Alguns bairros têm entre duas ou três feiras (cerca de oito). O bairro da Várzea junto aquele da Cidade Universitária concentra o maior número de feiras, num total de oito sendo que quatro delas apenas dentro da UFPE. Em seguida está o bairro de Santo Amaro, mas esse número de alto se deve as instituições públicas e empresas que estimulam a criação de feiras nos espaços internos.

Na Tabela 9 encontramos informações sobre os tipos de locais que as feiras estão utilizando para comercializar. Se rua, praça ou estacionamento.

**Tabela 9 – Distribuição do número de feiras por tipo de localização – 2019.**

| Tipos de localização das feiras                      | Abs. (nº) | Rel. (%)     |
|------------------------------------------------------|-----------|--------------|
| <b>Administração pública</b>                         | <b>26</b> | <b>56,52</b> |
| Tribunais, Órgãos jurídicos                          | 5         | 10,87        |
| Universidade/Faculdade                               | 5         | 10,87        |
| Órgão Público                                        | 14        | 30,43        |
| Hospital                                             | 2         | 4,35         |
| <b>Sindicatos/Associações/Órgãos de classe</b>       | <b>5</b>  | <b>10,87</b> |
| <b>Logradouros públicos</b>                          | <b>12</b> | <b>26,09</b> |
| Rua                                                  | 6         | 13,04        |
| Praças/Parques                                       | 6         | 13,04        |
| <b>Locais privados (*academia, Escola, Shopping)</b> | <b>3</b>  | <b>6,52</b>  |

Fonte Pesquisa de campo. Elaboração própria.

A maioria das feiras estão presentes em instituições públicas – tribunais, universidades, órgãos públicos e hospitais. Esses resultados havíamos adiantado quando discutimos sobre as associações de agricultores familiares que buscam realizar parcerias com muitas dessas



instituições. Alguns sindicatos e associações de profissionais organizaram também feiras no mesmo modelo que aquelas realizadas em tribunais e outros órgãos públicos.

As feiras populares de produtos agrícola geralmente tem suas origens em locais públicos e de fácil acesso ao público consumidor e as primeiras feiras de Recife seguiram esse tipo de perfil e tradição, mas apenas 12 ou cerca de 26% dessas feiras são realizadas em logradouros de acesso público. As feiras nos órgãos públicos são localizadas em estacionamentos ou corredores/passagens, ainda que públicos, são mais direcionados para sua demanda interna.

Precisamos aqui, antes de concluir essa seção, realizar algumas reflexões, especialmente entorno da tabela 9, porque ainda que tenhamos caracterizado a localização, tempo e tamanho das feiras, esses pontos não exemplificam a complexidade do tipo de organização das feiras, se tentássemos criar um critério por quantidade de barracas ou participação de associações ou a sua localização, como exemplificamos acima, também não reproduziríamos o retrato atual dessas feiras, bem como as tendências de mudanças. Buscamos nessa seção criar um retrato mais próximo desse cenário.

## Considerações

Existem feiras com níveis de interação e mobilização muito diferentes, por exemplo, o Espaço Agroecológico da Várzea, criada em março de 2018, se tornou uma das feiras mais ativas e relacionadas com a comunidade, bem como na mobilização e discussão de campanhas, ações e eventos políticos e culturais, e em nenhum momento demonstra que essa atuação diminuirá, pelo contrário, demonstra que cada vez mais se transforma e melhora. E esta é uma feira com quatro associações e oito barracas de alimentos.

Os Espaços Agroecológicos das Graças e Boa Viagem, tem mais do que o dobro de tamanho, estão em bairros de maior renda per capita, mais de duas décadas, além de serem as pioneiras e modelo para demais que foram criadas. O desenvolvendo destas foi resultado desse tempo de existência, pois passaram por muitas dificuldades e desafios para alcançarem essa maturação nas relações e práticas. São feiras com ativismo político, pois muitos dos seus membros são parte do movimento de um movimento agroecológico que lutou e articulou para promover as feiras e a agricultura familiar de base agroecológica tanto na agenda das políticas públicas e marco legal, como também práticas de muitos de agricultores que seguiram para o manejo agroecológico.

Não podemos também considerar as feiras realizadas em universidades e faculdades públicas como sendo do mesmo tipo que aquelas de órgãos públicos, assim como aquelas que existem em instituições de classe. Existem níveis de interação, envolvimento, atuação, mobilização que são diferentes entre elas, que de fato, precisariam ser diferenciadas além de sua localização, tamanho e tempo de existência.

Como proposição, esse estudo trouxe uma proposta metodológica que pode ser adaptada a outras realidades, mas não aplicada na íntegra, pois cada cidade, bairro, feiras e agricultores tem suas dinâmicas e cultura que precisam ser mapeadas e compreendidas antes de desenvolver uma proposta para traçar o perfil desses agricultores e feiras. Além dessa consideração, pesquisas que podem ser feitas atualmente precisam abranger novas dinâmicas de comercialização, como plataformas digitais, lojas (espaços fixos) dos agricultores ou de empresas, entregas/delivery nas residências, pontos de venda em condomínios, entre outros. Os consumidores para adquirir seus produtos saudáveis e orgânicos, tem mais de uma opção atualmente. E por fim, outra sugestão seria realizar pesquisas que tracem o perfil ou persona desses consumidores, compreender o comportamento deles, talvez em diferentes aspectos desse consumo.



## Referências

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. Disponível em: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Agroecologia%20-%20A%20din%C3%A2mica%20produtiva%20da%20agricultura%20sustent%C3%A1vel%20-%20Miguel%20Altieri%20-%20Editora%20UFRGS,%202008.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2011.

ARAÚJO, T. P.; LIMA, R. A.; MACAMBIRA, Júnior. **Feiras agroecológicas: institucionalidade, organização e importância para a composição da renda do agricultor familiar**. Fortaleza: Instituto de Desenvolvimento do Trabalho: Núcleo de Economia Solidária da Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antonio. **Extensão rural e agroecologia**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2007.

Da MATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. pp. 29-64. Disponível em: [http://www.jornalismoufma.xpg.com.br/arquivos/a\\_casa\\_e\\_a\\_rua.pdf](http://www.jornalismoufma.xpg.com.br/arquivos/a_casa_e_a_rua.pdf).

ELIAS, Norbert. Figuração. In: ELIAS, Norbert. **Escritos & Ensaios 1: Estado, processo, opinião pública**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 25-27, 2006. Disponível em: [https://csociais.files.wordpress.com/2014/05/cap1\\_2\\_elias\\_escritos-e-ensaios.pdf](https://csociais.files.wordpress.com/2014/05/cap1_2_elias_escritos-e-ensaios.pdf). Acesso em: 10 Jan. 2016.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MELO, Samuel Pires. **Trajetórias de proximidade, redes e feiras: as práticas de agricultores familiares feirantes em Água Branca e Delmiro Gouveia, Alagoas**. 2012. Tese (Doutorado em Sociologia). – PPGS-UFPE, Recife, 2012.

MINNAERT, A. C. S. T. A feira livre sob um olhar etnográfico. In: FREITAS, M. C. S.; FONTES, G. A.; OLIVEIRA, N. (Orgs.). **Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura**. Salvador: EDUFBA, 2008. pp. 129-148. Disponível em: <http://bit.ly/2Nxrsmx>

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015. pp. 37-80. Disponível em: [http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/ceazinepdf/MULHERES\\_E\\_AGROECOLOGIA\\_TRANSFORMANDO\\_O\\_CAMPO\\_AS\\_FLORESTAS\\_E\\_AS\\_PESSOAS\\_0.pdf](http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/ceazinepdf/MULHERES_E_AGROECOLOGIA_TRANSFORMANDO_O_CAMPO_AS_FLORESTAS_E_AS_PESSOAS_0.pdf). Acesso em: 20 Ago. 2018.